

NOTAS SOBRE A VIAGEM DE LÉVI-STRAUSS AOS TRÓPICOS*

*Wander Melo Miranda***

RESUMO

Notas sobre o texto de Silviano Santiago, através da retomada da relação entre tradição e modernidade, centro e periferia, considerando o tema da viagem.

Parte relevante da obra de Silviano Santiago – na crítica ou mesmo na ficção – pode ser lida a partir da pergunta “Por que e para que viaja o europeu?”, título de ensaio de 1984, publicado em *Nas malhas da letra* (1989). A pergunta, desdobrada em tantas respostas quanto as indagações *ad infinitum* que comporta, delinea uma forma de olhar que pode ser grosso modo definida pela preocupação com o jogo da diferença intercultural e o papel que a cultura brasileira, se ainda vale o gentílico, aí desempenha. Das abordagens refinadas da Carta de Caminha, detectando nos meandros da escrita primeira os mecanismos de funcionamento da máquina colonial, à desinstrução (gideana) de Artaud, em *Viagem ao México* (1995), desenha-se um largo espectro de questões orientadas no sentido de marcar o “entrelugar do discurso latino-americano”, para repetir um outro título, de texto publicado em 1971 e hoje um clássico.

A perspectiva interdisciplinar e comparatista, mais do que desconstruir o “gesto narcísico europeu” (*Nas malhas*, p. 193) diante do Novo Mundo, instaura novos parâmetros de avaliação da literatura do lado de cá e, por ricochete, da cultura ocidental, cujo estatuto passa a ser dependente – valha o paradoxo – das produções à margem da metrópole. Borges pode fazer Menard escrever o *Quixote*, assim como

* Texto apresentado como debate à conferência de Silviano Santiago “Tristes trópicos: a questão da viagem”.

** Universidade Federal de Minas Gerais.

Eça tornara-se autor de *Madame Bovary*. Parece muito, mas na verdade é pouco, o mínimo que uma tática de guerrilha leva adiante para dar voz ao desejo de demolir, nas palavras de Carpeaux a respeito de Graciliano, personagem de *Em liberdade*, o “edifício da nossa civilização artificial – cultura e analfabetismo letrados, sociedade, cidade, Estado, todas as autoridades temporais e espirituais”.

Por isso, para Silviano, a viagem do europeu sempre coloca em questão, entre nós, as diretrizes e valores do mundo administrado que uma modernização sem modernidade, sem os valores a serem compartilhados na cena pública, instalou nos trópicos. Por isso, também, e valendo-se de frase etnocêntrica de Lévi-Strauss, citada em “O entre-lugar do discurso latino-americano” (p. 15) e retomada no texto hoje apresentado: “Les tropiques sont moins éxotiques que démodés”. Esse me parece ser um dos pontos decisivos da reflexão de Silviano, por retomar de modo originalíssimo a relação entre o novo e a tradição, entre o centro e a margem, desfazendo limites epistemológicos e raciocínios maniqueístas. No primeiro caso, a frase remete ao “renascimento colonialista” (p. 14), que Walter Mignolo chamou de “o lado escuro da Renascença”, e apresenta o fenômeno da duplicação do modelo original-metropolitano como única saída “civilizatória viável (do ponto de vista do colonizador, é claro). No segundo, a frase é revista por Silviano para, através da fábula de Aquiles e a tartaruga ou do paradoxo de Zenão, explicar o ritmo peculiar da civilização nos “tristes trópicos”. Em ambos os casos, a questão que se coloca é a da relação entre o velho e o novo, que as viagens marítimas re-significaram nos tempos modernos. Cabe uma pergunta, que conclui argumentação desenvolvida: “A atualidade do Novo Mundo, que parece estar à frente da atualidade do Velho Mundo, vem na verdade atrás” (p. 15). Não residiria nesse *gap* fundador do Novo Mundo a emergência de sua alteridade ou heterogeneidade? A fissura narrativa que instaura não abriria espaço para que o *tardio* que aí se instala funcione, afinal e apesar das “idéias fora do lugar” (R. Schwarz), como resistência às diretrizes excludentes da modernização, ao processo violento de ocidentalização do mundo, como Silviano mostrou em outro texto? Esse descompasso não seria ele um dos responsáveis pela transmissão virótica de culturas, razão de cruzamentos culturais que são responsáveis pela permanência mesma das culturas, no plural? Aqui, evidentemente, abstraio-me da relação mestre-discípulo, tal como apresentada pela situação uspiana durante a permanência dos professores franceses na universidade brasileira. Vejo-a como paradigmática no tocante a futuros desenvolvimentos do problema.

Outra questão surge da anterior, e diz respeito às subjetividades em confronto na viagem, quando, de acordo com a epígrafe de Clifford Geertz, a etnografia encontra a confissão. A vertente autobiográfica do texto de Lévi-Strauss, que Silviano desenvolve mais detalhadamente em outra parte do texto, revela como o etnógrafo vai conformando sua visão etnocêntrica ao sabor das vicissitudes tropicais, num

movimento ambíguo de aceitação do Outro e sua negação por meio da reafirmação da pureza necessária à sua manutenção enquanto Outro. Ponto cego da argumentação lévi-straussiana, e contribuição decisiva do texto de Silviano, percebe-se nesse movimento o limiar e os limites de um processo transculturador, cujo resultado deve-se ao contato menos entre o antropólogo e o índio dos arredores da cidade do que entre aquele, “guardião da tradição”, e o aluno, o “pavão do porto” (p. 10). Essa abordagem da “cidade letrada” pelo viés do olhar antropológico assumido pelo crítico parece-me, enfim, resumir a resposta às questões que foram aqui apenas esboçadas e que o texto de Silviano responde com a lucidez de sempre.

ABSTRACT

Notes on Silviano Santiago's text through the resume of the relation between tradition and modernity, center and periphery, considering the voyage's subject.